

A ANGÚSTIA DE ABRAÃO

Wagner de BARROS¹

RESUMO

Encontramos na filosofia kierkegaardiana um estudo sobre a personagem bíblica Abraão. Em *Temor e tremor*, Kierkegaard descreve o desespero do sacrifício e a fé do sacerdote religioso. Neste contexto, o pai de Isaac aparenta sentir angústia. No entanto, Abraão possui fé e na obra intitulada *O conceito de angústia*, Kierkegaard descreve que a fé elimina o aspecto medonho deste sentimento. Resta a pergunta: Abraão sentiria angústia? Pretenderemos mostrar como a fé pode transformar a angústia em um sentimento agradável para o homem.

Palavras-chaves: filosofia, Kierkegaard, angústia, liberdade, indivíduo

Introdução

Kierkegaard (1813-1855) é um filósofo pouco estudado em um curso de graduação de filosofia no Brasil. Só em 2001 encontramos uma tese de doutorado sobre este autor defendida na USP². Vemos que Kierkegaard não está ao lado de Platão, Aristóteles, Kant ou Hegel. Pelo contrário, quando se ouve falar do filósofo dinamarquês, vem logo em seguida a idéia do existencialismo, ou então, do seu rancor contra o sistema hegeliano. Mas na verdade, pouco se sabe de sua filosofia. Kierkegaard ficou mais conhecido pelas citações de Sartre, pelas notas de Heidegger e pela sua influência na filosofia da existência do que propriamente por suas teses. Analisando o pensamento contemporâneo, poderemos constatar sua profunda importância. Não somente tratando de Jaspers, Marcel ou Heidegger, Kierkegaard está presente também em Adorno, pois afinal, não devemos esquecer que o frankfurtiano estudou por um longo período a filosofia de Kierkegaard.

¹ Bolsista da FAPESP, 3 ano da graduação em filosofia. Orientador: José Carlos Bruni. UNESP – Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências – 17525-900 – Marília – SP. E-mail: wagnerdebarros@bol.com.br

² Foi Silvia Saviano Sampaio quem defendeu, com o título *A subjetividade existencial em Kierkegaard*, primeira tese que trabalha especificamente com Kierkegaard na USP. Os estudos sobre Kierkegaard estão aumentando. Isto pode ser constatado nos eventos realizados pela Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI).

Um dos temas abordados pelo filósofo dinamarquês foi o tema da angústia. Em seu pensamento, a angústia assume um dos lugares centrais. Sua explicação é teológica. Assim sendo, encontraremos figuras como Deus, Adão e Abraão no decorrer de sua exposição. Para Kierkegaard, a angústia aparece quando o homem descobre que é livre para pecar. Porém, encontramos junto com a angústia um outro problema: a fé. Segundo Kierkegaard, a angústia perde seu aspecto medonho quando o indivíduo possui fé. Neste sentido, encontramos uma dúvida. No texto *Temor e tremor* Kierkegaard faz uma análise do sacrifício de Abraão. Nesta obra, Kierkegaard observa que o ato do sacrifício é um desejo de Deus, mas uma ação como esta é imoral. Podemos constatar, pois, um dilema: ou Abraão sacrifica Isaac, sendo conseqüentemente julgado como assassino e perdendo também tudo o que ele mais ama (seu filho), ou Abraão não sacrifica Isaac, mas uma atitude como esta mostra que Abraão não tem fé. Além disto, salvando Isaac, Abraão perderá sua relação com Deus. Resta a pergunta: Abraão sente angústia?

O presente texto tem como objetivo analisar o sentimento de angústia de Abraão durante o ato do sacrifício. Para isto, investigaremos como Kierkegaard considera o pai de Isaac. Logo em seguida, passaremos para o tema da angústia. Aqui teremos a oportunidade de examinar o conceito desenvolvido pelo filósofo a respeito deste assunto. Na última parte deste artigo tentaremos descobrir se Abraão realmente sente a angústia, dado que ele possui fé.

Efusão preliminares: *Temor e tremor*

Como já observamos, a análise kierkegaardiana sobre o tema da angústia se baseia no campo da teologia. O autor mesmo diz que seu livro intitulado *O conceito de angústia* não passa de “[...] um simples esclarecimento psicológico, prévio ao problema do pecado original.”(KIERKEGAARD, 1972, p. 7). Mas para compreender esta obra que investiga este sentimento, precisamos antes entender a figura de Abraão. Será no livro *Temor e tremor* que o filósofo desenvolverá sua concepção de fé e mostrará alguns problemas éticos.

Abraão deve matar o filho. Deus pede Isaac em sacrifício e assim, Abraão tem sua fé testada. Ele deve matar aquilo que ele mais ama por causa da vontade divina. Este é

o episódio que Kierkegaard propõem analisar: o holocausto, a morte de Isaac, o desespero de Abraão.

Compreendido pela ética, o sacrifício de Isaac seria uma ação inaceitável. No entanto, Abraão está no estágio superior à ética, ele se encontra no estágio religioso³. O que acontece é que, por causa da fé, Abraão não pode ser julgado como assassino, pois “[...] aquele que se renega a si próprio e se sacrifica ao dever renuncia ao finito para alcançar o infinito”. (KIERKEGAARD, 1979b, p.145). Através do sacrifício Abraão está intimamente ligado a Deus; a atitude de executar Isaac é uma vontade do ser absoluto. Com efeito, a moralidade é suspensa e Abraão não pode se tornar assassino. Sobre o ponto de vista ético, a atitude do sacerdote é imoral. Sobre o ponto de vista religioso, Abraão deve fazer aquilo que Deus lhe ordena. Neste contexto, encontramos ainda o paradoxo da ética. Abraão deve agir de acordo com as leis morais ou de acordo com a vontade de Deus? Como agir? Desta forma, podemos encontrar um conflito ético no momento em que Deus pede para que se cometa um ato julgado imoral⁴. Nesta situação, vemos que o sacerdote não pode ser auxiliado através de critérios racionais como as regras da ética, que são universais e gerais. De um lado, Abraão cumpre as ordens divinas, mas é julgado como criminoso e sua tentação é não ser considerado como tal. Por outro lado, caso não mate o filho, Abraão peca em relação a Deus, ele demonstrará o desejo pela finitude e que não possui fé. Caso mate o filho, perde o que mais ama e ninguém poderá entender sua ação.

Mas a pergunta continua: Abraão teria a coragem de colocar em holocausto aquilo que mais ama? Se Deus é bom, por que desejaria o sofrimento do pai de Isaac? Ora, Abraão seria condenado, aos olhos dos outros homens seria julgado como assassino. O marido de Sara teria a força suficiente para cometer um ato ilícito eticamente, tudo em nome do ser Absoluto? Deus quer ver se o pai de Isaac sobrevive à dor, à angústia e aos tormentos. Pede, desta forma, aquilo que a personagem mais ama, o seu filho, pois “[...] o pai está ligado ao filho pelo mais nobre e mais sagrado vínculo.”(KIERKEGAARD, 1979b,

³ Encontramos na filosofia de Kierkegaard três estágios: o estético, o ético e o religioso. São diferentes maneiras de se viver a vida. Em linhas gerais, podemos dizer que o estágio estético está relacionado com o instante. O indivíduo que possui a existência estética se preocupa com o imediato. Já o indivíduo que está no estágio ético se preocupa com os deveres, com a moral. Por outro lado, o existência religiosa tem como ponto de referência Deus.

⁴ Também, é neste contexto que Kierkegaard desenvolve sua crítica à moralidade hegeliana e kantiana.

p. 124). Deus testa o amor da personagem, pois aqui encontramos o desejo pela finitude (não sacrificar Isaac) contra o amor eterno (fazer a vontade de Deus).

Porém, o sofrimento de Abraão não se resume somente em perder Isaac. Além de o próprio pai ter que matar o filho, Deus ordena a Abraão e este deve fazer tudo sozinho. Encontramos como fonte do desespero e da angústia este abandono de Deus. Além de ser o responsável pela morte do filho, Abraão será julgado como criminoso perante os homens. Isto significa que ninguém compreende o ato de Abraão, a fé e o sacrifício pertencem ao indivíduo, aqueles não são comunicáveis.

Encontramos Abraão tendo uma relação absoluta com o ser absoluto. Por consequência, descobrimos agora o pai de Isaac totalmente abandonado, perdido na solidão. Kierkegaard faz considerações a respeito do herói trágico que tem a característica de se sacrificar em nome do geral. A exemplo disto, o autor cita o teatro grego *Ifigênia em Aulide*, no qual encontramos Agamenon sacrificando a filha em nome do bem de todos. Ora, podemos perceber que o herói trágico pode ser socorrido pelos outros. Embora sacrifique a filha amada, Agamenon tem o consolo do seu povo. Mas em Abraão não existe este “consolo”, pois quando Deus pede o sacrifício, fala intimamente com o marido de Saara, ninguém escuta esta conversa entre Deus e Abraão. Ninguém compreenderia o sacrifício de Isaac e, assim sendo, Abraão está abandonado.

Pelo fato de estar em relação íntima com Deus e conquistar a sua individualidade, os outros homens não podem compreender Abraão. Kierkegaard ressalta sobre a diferença de Agamenon e a personagem bíblica quando diz que “[...] o herói trágico não conhece a terrível responsabilidade da solidão.”(KIERKEGAARD, 1979b, p.179). Ora, seria fácil se o pai de Isaac contasse a Saara o que Deus tinha lhe ordenado, mas não pode, pois ela não o entenderia. Provavelmente, se Abraão falasse para sua esposa sobre o sacrifício, ela o aconselharia a desistir. Mas e a fé? Negar o sacrifício é desrespeitar a Deus, Abraão faria isto? Ninguém o compreende, não pode dizer que sacrificará seu filho em nome de sua fé e, desta forma, “Abraão cala-se... porque não pode falar, nesta impossibilidade residem a tribulação e a angústia.”(KIERKEGAARD, 1979b, p.179). Vemos que Abraão se tornou Indivíduo, ele agora é Isolado, as pessoas falam com ele sem o compreender. O pai de Isaac se encontra totalmente abandonado e o único apoio que encontra é em si mesmo.

Abraão vive uma situação conflitante. No livro *O desespero humano, doença até a morte*, Kierkegaard observa que, para o cristão, perder o contato com Deus seria pior que a própria morte⁵. Perder a relação com Deus seria, para Abraão, não sacrificar Isaac. Mas Deus prometeu um filho para o sacerdote e agora deseja que o pai sacrifique este filho prometido. Abraão esperou tanto tempo e agora que tem aquilo que mais desejava, Deus pede Isaac em sacrifício. Além disto, como já observamos, Abraão não pode ser compreendido pela ética. A tentação está também no desejo do sacerdote em não descumprir as leis morais. Pecar, no caso de Abraão, seria fazer o que se considera moral. O pecado agora é o bem. Mas Abraão deve deixar o certo para escolher o mais certo, isto é, fazer a vontade divina. Abraão teria a coragem de negar a ética, rejeitar todo o desejo finito em nome de um ser absoluto? Por outro lado, Abraão suportaria o desespero de perder sua relação íntima com Deus? Assim Kierkegaard descreve o conflito que existe no ato de sacrifício de Abraão. Mas Abraão sente angústia? Caso a resposta seja afirmativa, qual é a angústia sentida por Abraão? Será no texto *O conceito de angústia* que poderemos compreender com mais detalhe a situação do sacerdote religioso.

Entre *O conceito de angústia* e *Temor e tremor*

Kierkegaard se ocupará com o problema da angústia mais precisamente na obra *O conceito de angústia*. Como no caso do livro *Temor e tremor*, encontraremos também a utilização de contos bíblicos. Na obra que trata do sentimento de angústia, verificamos uma análise a partir do pecado de Adão.

Em linhas gerais, podemos dizer que Kierkegaard considera a angústia como a consequência do possível da liberdade. No entanto, a angústia também pode ser encontrada na inocência e no nada da incerteza. Isto fica mais claro quando observamos a análise do filósofo sobre o conto que relata a queda de Adão. Como podemos constatar no Gênesis, Deus proíbe Adão de comer o fruto da macieira. Porém, Adão não conhece o mal, pois o

⁵ “[...] o que faz tremer a criança nada é para o adulto. A criança ignora o que seja horrível, o homem sabe e teme. O defeito da infância está, em primeiro lugar, em não conhecer o horrível e, em seguida, devido à sua ignorância, em tremer pelo que não é para fazer tremer.”(KIERKEGAARD, 1979a, p. 192). Kierkegaard utiliza esta metáfora para mostrar o indivíduo que teme a morte e o outro que teme perder a relação com Deus.

mal só pode ser conhecido depois que o experimentamos. Desta forma, a personagem do Gênesis não compreende as palavras do ser absoluto e comprovamos que Adão, “[...] quanto ao que pode, não tem idéia alguma; de outro modo, estaríamos – o que acontece habitualmente – a pressupor já a conseqüência, isto é, a diferença entre bem e o mal.” (KIERKEGAARD, 1972, p. 62). Adão não sabe que comer a maçã é desrespeitar Deus, dado que seu estado é de ignorância. Qualquer palavra que o ser supremo disser tornar-se-á ininteligível para Adão. Assim, Adão não sabe que comer a maçã é um ato proibido. Mais que isto, Adão não sabe o que é pecar. Não devemos esquecer que a personagem está em um estado de inocência, visto que desconhece o significado da palavra “pecado”. Para que o indivíduo se torne culpado, ele deve primeiramente perder sua inocência. O filósofo demonstra esta relação quando diz que a inocência “[...] está presente sob a ignorância do indivíduo e se descobre quando este peca.” (KIERKEGAARD, 1972, p. 52.). Quando o indivíduo comete o pecado e se torna, desta maneira, culpado, então neste momento percebe que antes fora inocente e que nada fará com que ele retorne ao estado anterior. Ora, a inocência é ignorância, portanto não se sabe que está naquele estado.

Neste sentido, encontraremos o surgimento do sentimento da angústia. A angústia será a resultante do nada da inocência. Kierkegaard afirma que existe, no sentimento de angústia, uma falta de determinação, a relação que ainda não se estabeleceu ou então, o espírito que não se determinou. Tudo isto traz consigo a sensação de um vazio, um nada resultante da falta de algo determinado. A angústia guardará também uma ambigüidade. Como expressão da ignorância, a angústia surge em Adão no momento exato em que Deus faz a proibição. Quando isto acontece, vemos que a personagem fica diante de sua ignorância, ele não entende o que Deus lhe diz. Adão tem diante de si mesmo o possível: fazer o que Deus manda ou não. Mas Adão não sabe o que Deus quer, a personagem é ignorante. Assim notamos a angústia surgir em Adão, adquirindo um aspecto ambíguo que contém esta relação entre da incerteza, liberdade e culpa.

Na angústia, encontramos a ambigüidade. Kierkegaard registra da seguinte maneira: “[...] a angústia é uma *antipatia simpatizante* e uma *simpatia antipatizante*.” (KIERKEGAARD, 1972, p. 58). Isto porque na angústia o indivíduo não perdeu sua inocência, todavia também não é completamente inocente. Quando Deus proíbe Adão de comer o fruto, ele fica nesta situação totalmente incômoda, pois pode fazer algo, mas algo

que não conhece. Neste aspecto, a inocência aparece como uma coisa que foi perdida, visto que a liberdade mostra ao indivíduo que ele pode fazer algo e que este poder já é um conhecimento: consciência da liberdade. No entanto, a perda da inocência não se torna completa porque o indivíduo não sabe o que pode fazer.

A angústia aparece para Adão quando Deus o proíbe de comer a maçã. A consequência disto é o pecado, desrespeitar a ordem divina é pecar. A partir deste momento, podemos notar que Adão é livre para pecado. Existe um *possível*, ou seja, o pecado pode se estabelecer, tornar-se concreto. No entanto, a responsabilidade é do indivíduo, ou seja, a transformação da possibilidade para a realidade do pecado é realizada pelo indivíduo. Quando o homem toma consciência deste fato, então ele sentirá a angústia. Este sentimento se mostra intrinsecamente ligado com a possibilidade. Como vimos, somente quando Adão está diante do possível ele sentirá a angústia. Este possível surgiu depois da proibição divina. Existe aqui a liberdade, escolher entre comer a maçã ou não.

A angústia religiosa⁶ é a angústia do indivíduo que tem a consciência da possibilidade de pecar. O pecado depende do indivíduo e o gênio religioso tem a consciência deste fato. O gênio está diante de si, solitário, pois sabe que pecar é uma ação realizada por ele mesmo e, desta forma, sente-se angustiado. Neste sentido: “[...] voltendo-se para o interior de si mesmo, o gênio religioso descobre a liberdade.”(KIERKEGAARD, 1972, p.149) O gênio religioso sabe que pode desrespeitar os mandamentos de Deus, portanto teme a culpa e a si mesmo. Ele sabe que é livre, sabe que o destino não é importante e que só aquele livre arbítrio pode o salvar ou o condenar. Assim, encontramos também a interioridade, pois vemos, neste caso, o indivíduo tomando a consciência de si e a ineficácia da busca de algo exterior. É exatamente neste ponto que surge a angústia no gênio religioso, visto que o indivíduo está só, não há onde se apoiar a não ser em si mesmo.

No decorrer destas análises acerca do gênio religioso, lembramos de outra personagem: Abraão. Kierkegaard não menciona o nome deste indivíduo na obra *O conceito de angústia*, porém, notamos que a angústia religiosa é a mesma sofrida por Abraão. Mas Abraão não é judeu? Kierkegaard não considera o indivíduo tal como ele se

⁶ A distinção entre “angústia pagã”, “angústia judaica” e “angústia religiosa” é feita por Jean Wahl. É importante salientar que Kierkegaard não faz esta distinção no seu livro *O conceito de angústia*. Cf. WAHL, J. *Études Kierkegaardienes*. 4.ed. Paris: Ed. Librairie philosophique j. vrin., 1974.

apresenta, o autor enfatiza a interioridade, isto é, o fator subjetivo. Em *Temor e tremor*, o filósofo menciona Abraão como “cavaleiro da fé” e não um simples judeu. Por que? Porque Abraão é diferente, ele teme Deus, ele é colocado à prova. A personagem bíblica tem esta força interior que caracteriza o gênio religioso. Notamos que Kierkegaard, ao se referir ao gênio religioso, inclui Abraão. Podemos constatar que ambos negam a finitude em nome do eterno. Kierkegaard registra esta renúncia e o trajeto do homem de fé :

[...] a dor, a miséria e a angústia em que realizam o retorno religioso sobre si próprio, perdendo-se - se pode falar em perda - , durante esse período, tudo aquilo cuja posse não é senão bem sedutora (KIERKEGAARD, 1972, p. 147).

Ora, mas não é exatamente Abraão que sacrifica o filho? Não é Abraão que está disposto a colocar em holocausto aquilo que mais ama, aquilo que Deus lhe prometeu e que, depois de um longo período, finalmente a promessa cumprida, quer a criança em sacrifício? Cronologicamente falando, Abraão é judeu, pois Cristo ainda não tinha existido. Mas nos aspecto da interioridade, da subjetividade ou da existência, Abraão é tanto o cavaleiro da fé como o gênio religioso.

A angústia religiosa é, aparentemente, a mesma angústia encontrada em Abraão. Mas esta angústia não está relacionada com a morte do filho e sim com a possibilidade de pecar. Abraão descobre que é totalmente livre tanto para o pecado quanto para matar o filho. A decisão é uma atitude que depende dele, uma ação que coloca a personagem bíblica em um profundo abandono. Será Abraão quem deverá escolher, não será um outro indivíduo que irá determinar sua escolha, nem mesmo Deus está incluído no momento de decisão, pois quem escolhe é Abraão. O homem é livre, escolhe servir o bem ou o mal e Abraão sabe disto. Aquele abandono em que a personagem se encontra mostra que Abraão estabelece um diálogo interno.

Caso descumpra a ordem divina, Abraão se reconhecerá culpado e terá a consciência de que nada poderá eliminar a sua culpa, visto que no momento anterior ele era livre e escolheu descumprir uma ordem divina, portanto a culpa é sua. Mas então a angústia cessa, pois Abraão terá o arrependimento. A personagem teme sua liberdade, teme sua possibilidade de pecar. Neste sentido, Kierkegaard observa que “[...] a liberdade teme a culpa, o seu temor não resulta de se reconhecer culpada, se de fato o é, mas de tornar-se

culpada.”(KIERKEGAARD, 1972, p. 150). A angústia se apresenta neste momento, quando o indivíduo encontra diante de si o pecado e descobre que nada o proíbe de pecar. A situação angustiante é apresentada quando Abraão leva o filho para o holocausto e a personagem sabe que não precisa sacrificar aquilo que mais ama. Nada o impede de matar um carneiro no lugar de Isaac. Todavia, isto é desrespeitar a Deus. Abraão sabe deste fato, ele tem a consciência de que é livre. Entretanto, se fizermos uma análise um pouco mais detalhada, descobriremos que Abraão sofre uma angústia “amigável”. Por que? Porque ele tem fé, ele acredita no ser absoluto. Abraão acredita que Deus reserva o melhor para ele, portanto, matar o filho é apenas uma etapa, existe ainda algo mais sublime, algo mais divino e é este o alvo que Abraão dirige toda a sua força.

A fé e a angústia.

A angústia perderá sua característica aterrorizante quando o indivíduo atingir a fé. Todavia, esta última não é comprada em uma esquina ou banca de jornal. Kierkegaard não esquece de enfatizar, em *Temor e tremor*, sobre a força necessária para se atingir a fé. Assim o filósofo fala de Abraão, um herói religioso que foi capaz de abandonar a finitude para alcançar o infinito. Mas nesta passagem encontramos a dor, o desespero e o turbilhão. O sacerdote teve que renunciar o filho que há muito tempo Deus prometera e só depois de muitos anos cumprira a promessa. A personagem teve que ter uma força interior suficiente para conseguir sobreviver o abandono de Deus, a incompreensão do seu ato perante os outros homens, o sacrifício do próprio filho, enfim, todos os sofrimentos possíveis. Abraão conseguiu superar todos estes obstáculos por causa de sua fé. A crença infinita em Deus fez com que Abraão não sentisse todos os tormentos.

Descobrimos em Abraão uma paixão infinita. A personagem age em nome de Deus. Para o sacerdote, a existência só tem sentido quando direcionada para o ser absoluto. Entretanto, vemos que Abraão, ao utilizar suas forças e realizar o salto da fé, também assume a angústia. Isto significa que o pai de Isaac não tentou fugir daquele sentimento, pelo contrário, a angústia é o próprio instrumento para que Abraão não sucumba. Quando a angústia está ligada com a fé, ela perde totalmente seu aspecto terrível. Como isto

acontece? Ora, observamos que a angústia é o sentimento do possível, do vazio. Exatamente por este motivo, ela pode ser um meio de salvação para o indivíduo. A existência pode parecer destituída de sentido, o mundo pode desabar, no entanto, por causa do possível da angústia, existe uma esperança de que tudo possa mudar. Deus quer Isaac em sacrifício, mas Abraão tem a fé, sua angústia não possuirá mais a figura do terror. Como escreve Kierkegaard, “[...] formando em nós a fé, a angústia destruirá o que ela própria produz.”(KIERKEGAARD, 1972, p. 217). Por causa da fé, o mundo terreno não passa de algo insignificante. O desejo passa a ser o infinito e não mais o mundo finito. Desta forma, por mais que o indivíduo esteja no meio de uma situação caótica, se ele tiver fé saberá que isto não apresenta problemas, pois Deus “proverá”, ele quer nosso bem.

A possibilidade aqui é apresentada como a renúncia do mundo finito pela conquista da infinitude. Abraão está disposto a sacrificar o filho, porém, nesta ação está a possibilidade de conquistar o eterno. Por mais que sofra ou que seu ato seja incompreendido pela moral, Abraão tem a possibilidade de se salvar, sua ação visa a infinitude. Mas isto só é possível quando o indivíduo possui a fé. Quando o homem assume o papel do possível juntamente com a fé,

[...] a angústia transforma-se, para ele, numa serva invisível que, mesmo sem querer, o conduz aonde deseja ir [...] [o indivíduo] diz-lhe como uma paciente ao cirurgião ao chegar o momento de uma operação dolorosa: agora, estou preparado”(KIERKEGAARD, 1972, p. 216)

Qualquer coisa pode acontecer com Abraão, sua desgraça pode atingir o ponto máximo de suas forças, no entanto, não é o mundo finito que o cavaleiro da fé deseja. Ele quer a possibilidade de salvação, ele se dirige para o divino. Matar Isaac é uma desgraça, mas esta ação é o que coloca Abraão frente a frente com Deus. Abraão tem a fé no possível, uma possibilidade de salvar sua alma mesmo sofrendo as maiores dores terrestres. Assim Kierkegaard registra: “[...] não que se evitem os horrores da vida; simplesmente estes são frouxos comparados com o possível”(KIERKEGAARD, 1972, p. 214). A possibilidade adquire a forma do infinito, o “cavaleiro da fé” sempre guardará em si uma fagulha da possibilidade. Desta forma, assumir a angústia é não sentir a angústia. Este sentimento torna-se necessário para a salvação do próprio indivíduo. Todavia, ele deverá possuir a fé, caso contrário, o indivíduo sucumbirá. Para que o indivíduo elimine o caráter medonho

daquele sentimento, ele deverá possuir a crença no absurdo. Quando isto for realizado, a angústia não será mais um obstáculo, mas sim uma ferramenta. Será no possível da angústia que o indivíduo encontrará sua salvação. A angústia não tem um caráter definido, tudo dependerá de como o indivíduo se relaciona com este tipo de sentimento. Se ele possui fé, a angústia tornar-se-á uma amiga necessária e inofensiva. Se, pelo contrário, o indivíduo não possui fé, então a angústia assumirá uma face terrível.

Abraão também é analisado por Sartre. Este considera a personagem bíblica como o símbolo do indivíduo que está diante da liberdade. Segundo Sartre, “[...] qualquer que seja o nosso ser, é escolha; e depende de nós escolhermos como “ilustres” e “nobre”, ou “inferiores” e “humilhados”.”(SARTRE, 2001,p. 581) . Isto significa que o ser do homem é a liberdade, ou seja, o homem se constitui neste movimento incansável de ser o que ele não é. Estamos condenados a representar um teatro eterno, trocamos de personagens a cada instante. Não há um Eu determinado ou homens predestinados a serem heróis. Ao contrário, Sartre considera que o homem constrói a sua essência.

A angústia surge quando o indivíduo toma consciência da liberdade que constitui o seu ser, “[...] a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser [...]” (SARTRE, 2001, p. 71). Desta forma, temos que a angústia é a apreensão da liberdade. Ora, se a liberdade é o ser do homem, o indivíduo angustiado está diante do seu ser. Mas e Abraão? Para Sartre, Abraão sente angústia porque está diante de uma escolha e sabe que nada determinará sua ação. O sacerdote religioso sente angústia porque não há uma regra que dite o que ele deve fazer. Abraão deverá escolher sozinho se deve sacrificar o filho ou não. Neste sentido, ele não encontrará um apoio externo, ou seja, Abraão está abandonado. A angústia de Abraão é a típica angústia do homem que toma a consciência de sua liberdade. Abraão não é um indivíduo diferente, um “cavaleiro da fé”. A angústia de Abraão pode ser sentida por outra pessoa, seja ela religiosa ou descrente. Alguém que se encontra diante de uma decisão e que toma consciência a escolha que fizer é injustificável sentirá a mesma angústia que Abraão sofreu.

Entretanto, constatamos que, para Kierkegaard, a angústia se torna uma amiga para o homem que possui fé. O sentimento de angústia passa por uma transformação, ela não será mais ameaçadora, mas sim algo edificante. Sartre não admite uma possibilidade para a fé em sua filosofia. Portanto, o Abraão que Sartre descreve equivale ao homem

angustiado sem fé kierkegaardiano, um homem marcado pelo desespero e pelo abandono, sem um Deus e uma fé que possa o salvar.

Enfim, vemos que, para Kierkegaard, Abraão sente uma angústia amigável. No entanto, isto só é possível por causa da fé. O sentimento de angústia pode se transformar em uma ferramenta para o homem. Portanto, não há motivos para considerar este sentimento como algo pessimista. Se a angústia é ruim ou não, isto dependerá do indivíduo.

Referências

KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*. Tradução de João Lopes Alves. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

_____. *O desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1979a.

KIERKEGAARD, S. *Temor e tremor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979b.

SARTRE, J. P. *O ser e o nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

WAHL, J. *Études Kierkegaardiennes*. 4.ed. Paris: Ed. Librairie philosophique j, vrin., 1974.

ARTIGO RECEBIDO EM 2007